

Erica Ramos Cardoso

Graduada no Curso de Enfermagem pelo
Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)

Matheus da Silva Ramos

Graduado no Curso de Enfermagem pelo
Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)

Rayssa Montenegro da Silva

Graduada no Curso de Enfermagem pelo
Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)

Thamires Silva Rivas

Graduada no Curso de Enfermagem pelo
Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)

Helena Portes Sava de Farias

Docente no Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)

RESUMO

Introdução: A Infecção Hospitalar (IH) é definida como qualquer infecção adquirida após a admissão do paciente no hospital e que se manifesta durante a internação ou após a alta, quando relacionada com a própria internação ou com os procedimentos hospitalares. A atuação e conhecimento do Enfermeiro é indispensável para a segurança e assistência do paciente nas unidades de saúde, inclusive, sendo ele, responsável pelo setor de IH. O presente projeto apresenta como **Objetivos:** Incentivar a prática correta de higienizar as mãos; reforçar o uso adequado de equipamentos de proteção individual (EPI'S) e refletir sobre a importância do manejo dos procedimentos invasivos. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa do tipo descritiva, a partir de artigos científicos indexados no Google acadêmico, na plataforma Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) com bases de dados Scielo, foram selecionados 10 artigos publicados nos últimos 6 anos entre 2016 a 2021, sendo utilizados apenas 7 artigos no qual atenderam aos objetivos da pesquisa. **Resultados e discussão:** As informações coletadas serão apresentadas com intuito de favorecer e facilitar a visualização aos resultados e respondem aos objetivos propostos na pesquisa. Dos artigos contemplados mostraram que houve evidências da temática no segmento: A importância da higienização correta das mãos, uso adequado de equipamentos de proteção individual, e a importância do manejo dos procedimentos invasivos. **Conclusão:** É necessário refletir sobre todas as estratégias possíveis que possam contribuir para mudanças do atual panorama que se apresenta, os enfermeiros devem ter conhecimentos sobre os meios para inibir sua propagação, contribuindo para o cuidado com o paciente, implantem diretrizes e ações contínuas para prevenir, controlar,

reduzir e eliminar riscos, por meio de rotinas de trabalho adequado, vigilância constante, a higienização das mãos, continua sendo a atitude mais eficaz na interrupção da transmissão de microrganismos ao indivíduo.

Palavras-chave: Enfermagem; infecção hospitalar; cuidado; controle; prevenção.

INTRODUÇÃO

A Infecção Hospitalar (IH) surgiu praticamente junto com os primeiros hospitais nos séculos XVIII e XIX, onde as condições de higiene eram precárias, a população provida de recursos financeiros era tratada em casa tendo como vantagem os custos baixos e principalmente diminuição dos riscos de infecção, observando que para aquele período mesmo com poucas tecnologias e informações já havia uma preocupação com a infecção hospitalar.

Na Inglaterra no final do século XIX, Florence Nightingale apresentou importante papel na reorganização dos hospitais e conseqüentemente na implantação de medidas para o controle das IH, com a preocupação voltado para os cuidados de higienização, isolamento dos enfermos, o atendimento individual, treinamento do pessoal, especialmente as práticas de higiênicas sanitárias que estabeleceu e colaboraram para a redução das taxas de mortalidade hospitalar na época (OLIVEIRA & MURRYAMA, 2008).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) já tratou as IHS como uma epidemia silenciosa, tendo em vista que, embora com números de letalidade significativos, mesmo anos de pesquisa e tentativas de sanar o problema, ainda é presente nas instituições de saúde. No Brasil, por exemplo, a OMS estimou que 14% dos pacientes internados acabam contraindo algumas infecções, seja viral, por fungos, bactérias (PORTAL,2020) A OMS fornece informações atualizadas para prevenção contra as IHS, informando os programas desenvolvido pela mesma, orientações, artigos e envio de informações via e-mail. A OMS criou projetos como prevenção e controle de infecção (IPC) e resistência antimicrobiana (AMR) que vão fornecer recomendações baseadas em evidências sobre o reconhecimento precoce e IPC e procedimentos específicos necessários para prevenir efetivamente a ocorrência e controlar a propagação da IH, também foram criadas diretrizes com o principal objetivo de apoiar a melhoria do IPC nas unidades de saúde (WHO, 2017).

A IH é definida pela portaria, Ministério da Saúde nº 2616, 13 de maio de 1998, como qualquer infecção adquirida após a admissão do paciente no hospital e que se manifesta durante a internação ou após a alta, quando puder ser relacionada com a internação ou com os procedimentos hospitalares. Pode ser classificada como infecção endógena: É a que verifica a partir de microrganismos do próprio paciente imunodeprimido. Corresponde a 2\3 das IH, infecção exógena: É adquirida a partir de microrganismos estranhos ao paciente, sendo veiculada pelas mãos da equipe de saúde, uso de

respiradores, por medicamentos ou alimentos contaminados, infecção cruzada: Transmitida de paciente a paciente.

No Brasil, o fato marcante aconteceu em 1983 com a publicação da portaria 196 do Ministério da saúde, neste período foi dada ênfase a capitação de recursos humanos e a obrigação de os hospitais criarem as comissões de controle de IH.

Considerando que o capítulo I artigo V e inciso III da lei nº 8080 de 19 de setembro de 1990 estabelece como objetivo e atribuição do Sistema Único de saúde (SUS) à assistência a pessoas por intermédio de ações de proteção e recuperação de saúde com a realização integrada das ações assistenciais e das atividades preventivas.

A relação entre medidas de higiene e transmissão da infecção é importante saber que somente no século XIV, compreendeu-se que o simples ato lavar as mãos entre o atendimento a um paciente e outro poderia diminuir significativamente o número de doenças nos hospitais.

Levando em conta os princípios do sistema Único de saúde (SUS), participação, universalidade, integralidade e a equidade de atenção em saúde e a política de humanização que valoriza os usuários e trabalhadores torna-se crucial que os profissionais apresentem postura frente a prevenção e controle das infecções.

Constata-se que as IH representam 3 a 4% do total de infecções nos ambientes hospitalares dos Estados Unidos, já no Brasil essa porcentagem representa 15,6% segundo estudos, 70% das IH são causados por germes endógenos e restantes, por exógenos, sendo essas últimas passíveis de prevenção (COUTO, 1998 apud MARTINI, 2004).

Os enfermeiros prestam serviços importantes aos pacientes, acompanhando sua evolução nas unidades de saúde, devem ter conhecimentos sobre os microrganismos, responsáveis pela IH e meios de inibir sua propagação, uma higienização correta das mãos, uso adequado de equipamento individual, contribuindo para o cuidado com o paciente.

A IH é um problema de saúde pública, já que 3% a 15% dos pacientes hospitalizados desenvolvem esta infecção (BORGES, BARATIERI, MONASTIER, BENDO, SILVA, 2012, p, 152), consiste na falta de informação e atualização dos enfermeiros, como devem intervir em situações de surtos, uso de equipamento individual inadequado, técnica de higienização das mãos inadequada, favorecendo a disseminação de microrganismos, descaso e aplicação de métodos inadequados no trabalho, contribuindo para levar as taxas de morbidade e mortalidade, aumentam os custos de hospitalização mediante o prolongamento da permanência e gastos com procedimentos diagnósticos e terapêuticos.

Torna-se essencial que o enfermeiro seja membro da equipe Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), por atuar continuamente na assistência direta com o paciente e realizar procedimentos invasivos potencialmente contaminados, é visto como responsável pela profilaxia das infecções nosocomiais (DUTRA et Al., 2015).

O enfermeiro possui uma maior aproximação com as demais categorias, além de sua habilidade educativa, com respaldo do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), por meio da lei do exercício profissional de 7.498, de 25 junho de 1986, o enfermeiro é reconhecido como um membro importante na CCIH (BATISTA et all.,2012).

O ambiente hospitalar é considerado um local de trabalho insalubre, onde os profissionais e os próprios pacientes internados estão expostas a agressões de diversas naturezas, seja por agentes físicos, como radiações originárias de equipamentos radiológicos e elementos radioativos, seja por agentes químicos, como medicamentos e soluções, ou ainda por agentes biológicos, representados por microrganismos. Este estudo justifica-se pelo fato de proporcionar um maior conhecimento que irá convergir na assistência ao paciente no sentido de proporcionar segurança máxima.

Também se faz relevante frente a importância das ações que convergem em fortalecer o processo pertinente a educação continuada dos enfermeiros com medidas de prevenção e controle, visando evitar a ocorrência de IH

QUESTÕES NORTEADORAS

- Quais as ações necessárias que o enfermeiro pode realizar no combate as infecções hospitalares?
- Qual a atuação do enfermeiro no controle da IH?

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Identificar na literatura como as técnicas de prevenção podem contribuir para mudanças de comportamento dos enfermeiros no controle da infecção hospitalar.

Objetivos Específicos

- Incentivar a prática correta de higienizar as mãos;
- Reforçar o uso adequado de equipamentos de proteção individual EPI'S);
- Refletir sobre a importância do manejo dos procedimentos invasivo

REVISÃO DE LITERATURA

A teoria ambientalista desenvolvida por Florence Nightingale, apresenta como foco principal o meio ambiente, interpretado como todas as condições e influências externas que afetam a vida e o desenvolvimento de um organismo, capazes de prevenir, suprimir ou contribuir para a doença e a morte (MEDEIROS, LIROA E ENDERS, 2015 p. 519).

A preocupação de Nightingale com o ambiente hospitalar, enfatizava a comodidade do paciente com as condições locais, como por exemplo, a iluminação, a limpeza, o sanitarismo, a ventilação, a temperatura, atenção aos cuidados, odores, e os ruídos, priorizava a individualização do cuidado evitando dessa forma condições desfavoráveis aos pacientes.

Felix (2013) destaca a atuação de Nightingale a desenvolver a prática com suporte epidemiológico para a prevenção e controle de doenças infecciosas, numa época pré-bacteriológica, a qual ainda repercute nos dias de hoje, por meio de simples medidas, controlar a infecção e consequentemente diminuir a morbimortalidade.

A portaria nº 2616, de 12 de maio de 1998 do Ministério da Saúde traz a seguinte informação: dispõe sobre a obrigatoriedade da manutenção pelos hospitais de programa de Infecções Hospitalares.

Para tanto, torna-se essencial que o enfermeiro seja membro da equipe de CCIH (Comissão de controle de Infecção Hospitalar), pois por atuar continuamente na assistência direta com o paciente e realizar procedimentos invasivos potencialmente contaminados, é visto como responsável pela profilaxia e controle da IH (DUTRA et al, 2015).

A Educação Continuada é um conjunto de práticas usuais que objetivam mudanças pontuais nos modelos hegemônicos de formação e atenção à saúde. É “um processo que busca proporcionar ao indivíduo a aquisição de conhecimentos, para que ele atinja sua capacidade profissional e desenvolvimento pessoal, considerando a realidade institucional e sócia (SEIFFERT E SILVA, 2009).

É de grande importância destacar o uso da educação continuada através de manobras educacionais, garantindo então, um processo de assistência mais segura para o paciente, havendo a redução e o controle de IH.

O termo IH vem sendo substituído nos últimos anos pelos termos Infecções Relacionadas a Assistência da saúde (IRAS) no qual a prevenção e o controle das infecções passam ser consideradas para todos os locais onde se presta o cuidado e a assistência, inclusive hospital (PADOVEZE, FORTALEZA, 2014).

De acordo com a lei do exercício profissional, lei 7498 de junho de 1986, O enfermeiro tem privativamente dentre outras funções cuidados diretos de enfermagem de maior complexidade técnica e que exijam conhecimentos de base científica e capacidade de tomar decisões imediatas.

Decisão COFEN N°0219\2018 Art.1° aprovar a análise do pedido de registro da Associação Brasileira dos profissionais em controle de Infecções e Epidemiologia Hospitalar.

Um dos princípios fundamentais da enfermagem segundo o COFEN art 3°, o profissional enfermeiro respeita a vida, a dignidade e os direitos da pessoa humana, em todo o seu ciclo vital, sem discriminação de qualquer natureza, além de ser de sua responsabilidade decorrentes de imperícia, negligência ou imprudência.

“Desse modo nota-se que a presença do Enfermeiro é indispensável para a segurança é assistência do paciente importante que haja um trabalho em equipe para a prevenção e controle da IH” (CARDOSO, 2004).

Ações sistematizadas pelo enfermeiro contribuem para a prevenção do controle da IH, além do profissional estar atualizando os seus conhecimentos, sobre a verdadeira importância da lavagem das mãos, uso correto de EPI'S, importância dos procedimentos invasivos, higiene oral, o seu envolvimento com a assistência de qualidade, em virtude das transformações tecnológicas e novas descobertas da ciência no controle da IH.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa, do tipo descritivo. A partir de artigos científicos indexados no Google Acadêmico, na plataforma Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e com a base de dados da Scielo.

O levantamento dos artigos deu-se em: Revistas multidisciplinar em saúde, Revista prevenção de infecção e saúde, Brazilian journal of production engineer, UNICEUB, Brazilian journal of development, Revista saúde coletiva e Revista oficial do conselho federal de enfermagem. Utilizou-se os seguintes descritores dispostos no DECS: Enfermagem, infecção hospitalar, cuidado, controle e prevenção.

Como critério de inclusão foram selecionados artigos da íntegra publicado nos últimos 6 anos e que atendem aos objetivos da pesquisa. Foram selecionados 10 artigos com anos de publicação entre 2016 a 2021 sendo utilizados 8 artigos, sendo excluídos os demais por não atingir os parâmetros descritivos da pesquisa.

Como critérios de exclusão, identificamos 02 artigos que não contemplou a temática central da pesquisa.

De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, ou seja, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

Para Conforto et al (2014), a revisão bibliográfica é um organismo de várias ideias de outros autores, erguendo um debate sobre o problema em questão que resulta numa consideração final. É considerada um passo inicial para qualquer pesquisa científica e destaca que a abordagem de análise e estratégia adotada na condução de uma revisão bibliográfica não tem recebido a devida atenção, em especial nos temas que são considerados emergentes.

Quadro 1: Artigos científicos selecionados para discussão de acordo com os descritores.

Título	Autores	Revista	Ano de publicação	Resumo	Categoria
A importância da lavagem das mãos no controle da infecção hospitalar	FILHO, J.A.M.D; SANTANA, S.T.M.S; SOBRINHO, J.F	Revista multidisciplinar em saúde	2021	As mãos humanas são veículos que podem transmitir diversas doenças, dessa forma entender a importância e o incentivo das lavagens das mãos é fator crucial na luta pelo controle de infecções hospitalares.	1
Ações de prevenção e controle de infecção em hospitais	MOURÃO, M.F.R; CHAGAS, D.R	Brazilian journal of development	2020	Trata-se de um artigo de revisão crítica da literatura tendo como objetivo destacar aspectos conceituais sobre a infecção hospitalar de interesse para o cuidado de enfermagem, evidenciando os fundamentos que norteiam a compreensão deste fenômeno de indiscutível importância epidemiológica para a assistência à saúde.	1
Utilização de Equipamento de proteção individual pela equipe de enfermagem em um hospital público em Imperatriz-MA: um levantamento estatístico	SILVA, C.E.D; SANTOS, I.L; CAVAIGNAC, A.C; A.L.O; GORDON, A.S.A; CARNEIRO, I.C.C; ARAÚJO, F.T.M.A; GOMES, J.M.S	Brazilian journal of Production Engineering	2019	Os equipamentos de proteção individual (EPIs) são materiais importantes para a prevenção de acidentes. A proteção da pele, das mucosas, olhos, ouvidos, as roupas dos profissionais em sua atividade laboral, são fatores relevantes, devido ao constante contato desses profissionais com agentes patogênicos.	2

Um estudo sobre a importância do Enfermeiro na orientação da utilização dos equipamentos de proteção individual –EPIS	COSTA, C.S; VALADÃO, C.S; ALVES, L.L	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação	2021	A importância do uso de equipamentos de uso de proteção individual por parte dos profissionais da enfermagem. Uma abordagem sucinta sobre o porque o uso de tais equipamentos são de fundamentais importâncias não apenas para os profissionais de enfermagem, mas para todos os que dependem de serviços de saúde.	2
Atuação do enfermeiro no controle de infecção hospitalar e segurança do paciente	FERREIRA, A.V.L.P	Saúde coletiva	2021	trata-se de um artigo de atualização com objetivo destacar a Atuação do Enfermeiro no Controle de Infecção Hospitalar e Segurança do Paciente, evidenciando os fundamentos que norteiam a compreensão deste fenômeno de indiscutível importância epidemiológica para assistência saúde.	3
Infecções hospitalares relacionadas a procedimentos invasivos em unidades de terapia intensiva: revisão integrativa	SOUSA, M.A.S; NASCIMENTO, G.C; BIM, F.L; OLIVEIRA, L.B; OLIVEIRA, A.D.S	Revista prevenção de infecção em saúde (REPIS)	2017	O uso de procedimentos invasivos, principalmente neste ambiente contribui significativamente para a ocorrência da infecção, justificando a existência de diversas topografias Infecciosas (urinária, respiratória, sítio cirúrgico, corrente sanguínea)	3
Florence Nightingale e as suas contribuições para o controle das infecções Hospitalares	MARTINS, D.F; BENITO, L.A.O.	UNICEUB	2021	Por meio do presente estudo, foram percebidas as contribuições de Florence Nightingale no combate e controle aos processos de infecção hospitalar, influenciando, inclusive, na	4

				administração e arquitetura hospitalar, em âmbito internacional, sendo reconhecida por profissionais de saúde e de outras áreas do conhecimento.	
A teoria ambientalista no ensino e na prática profissional em enfermagem: uma revisão integrativa	SILVEIRA-ALVES, A; SEPP, V.J; LOUREIRO, L.H; SILVA, I.C. M	Revista a Práxis	2021	A Teoria Ambientalista é uma teoria desenvolvida por Florence Nightingale em sua participação na Guerra da Crimeia em 1854. Sua teoria tinha como foco o meio ambiente relatando que todas as condições do meio podem influenciar o processo de saúde. Sua teoria conceitua que o ambiente influencia diretamente a recuperação de seu paciente, então a teoria preconiza os fatores ideais para a organização do seu ambiente são eles: ventilação, iluminação, limpeza, ruídos, odores e alimentação.	4

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As informações coletadas serão apresentadas com intuito de favorecer e facilitar a visualização dos resultados e respondem aos objetivos propostos na pesquisa.

Os estudos foram organizados em quatro categoriais, dentre eles: Categoria 1: A prática correta de higienizar as mãos; categoria 2: Uso adequado de equipamentos de proteção individual (EPI'S) ; categoria 3: A importância do manejo dos procedimentos invasivos; categoria 4: Controle das infecções hospitalares.

CATEGORIA 1: A PRÁTICA CORRETA DE HIGIENIZAR AS MÃOS.

A primeira categoria foi realizada com base em um artigo intitulado: *“A importância da lavagem das mãos no controle da infecção hospitalar”* e *“Ações de prevenção e controle de infecção em hospitais.”*

O primeiro estudo intitulado “*A importância da lavagem das mãos no controle da infecção hospitalar*” refere-se a prática de higienização das mãos é considerada como os pilares para prevenção e controle da IH, é a forma mais simples barata, e eficaz de reduzir o risco de contaminação e aumentar a segurança do paciente, para melhorar os índices de qualidade de higienização das mãos todos os esforços devem ser tomados, como lembretes de higienização, orientações para impedir a disseminação de doenças, a lavagem das mãos é uma ação simples que deve ser Incentivada, deve ser realizada de forma eficaz e frequente, proporcionando uma melhor qualidade de vida, proteção contra organismos e prevenção da transmissão de doenças, vídeos, cartazes ou adesivos em ambientes críticos de maior trânsito de pessoas, utilização de água e sabão para reduzir a população microbiana presentes nas mãos, aplicação de anti-sépticos com base alcoólica para reduzir ainda mais os riscos de transmissão, discutir e estudar casos de IH para demonstrar que não higienizar as mãos vai eventualmente causar a morte de pacientes. Com isso, Filho et al (2021) reforçam que :

A lavagem das mãos é uma ação simples que deve ser incentivada com capacitações, e que deve ser realizada de forma eficaz e frequente, proporcionando uma melhor qualidade de vida, proteção contra organismos e prevenção da transmissão de doenças infectocontagiosas (FILHO, et al., 2021).

É necessário o desenvolvimento de ações de controle contra as IH para o combate de novos casos. Com isso, nota-se a importância de desenvolver projetos de extensão apoiados pela CCIH da unidade hospitalar, para melhorar os índices de qualidade de higienização das mãos, todos os esforços devem ser tomados a fim de aumentar o número de profissionais que lavam suas mãos em todas as situações obrigatórias.

O segundo estudo intitulado “*Ações de prevenção e controle de infecção em hospitais*” reforça o foco principal que é mostrar que a responsabilidade pelo controle de infecção é da equipe de saúde. Destaca-se a formação profissional com foco na cultura. A prevenção é uma condição necessária para implementar o controle da prevenção de infecções, destacando o importante papel do enfermeiro no desenvolvimento utilizando ações de prevenção e controle de infecção e educação permanente como estratégia e implementação de medidas eficazes para buscar a qualidade do atendimento. De acordo com Mourão et al (2020):

A maioria das IH manifesta-se como complicações de pacientes gravemente enfermos, em consequência da hospitalização e da realização de procedimentos invasivos ou imunossupressores a que o doente, correta ou incorretamente, foi submetidos. Algumas IH são evitáveis e outras não. Infecções preveníveis são aquelas em que se pode interferir na cadeia de transmissão dos microrganismos. A interrupção dessa cadeia pode ser

realizada por meio de medidas reconhecidamente eficazes como a lavagem das mãos, o processamento dos artigos e superfícies, a utilização dos equipamentos de proteção individual, no caso do risco laboral e a observação das medidas de assepsia (MOURÃO, et al, 2020).

A implementação de estratégias eficazes de prevenção de infecções hospitalares é um tema relacionado que precisa ser abordado no setor de saúde. Isso porque se trata de um desafio significativo, principalmente pela capacidade do problema de aumentar a mortalidade dos pacientes e pela capacidade das equipes colaborativas em adquirir doenças decorrentes das atividades laborais.

A lavagem das mãos tornam-se essenciais para quebra dessas cadeias de infecção, impedindo a propagação desses microrganismo. O enfermeiro deve estar capacitado para prestar cuidados mais livre de riscos de infecções sempre com cautela e utilizando os EPIs como prevenção de IH.

CATEGORIA 2: USO ADEQUADO DE EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL (EPI'S).

A segunda categoria foi construída com base em um artigo intitulado: “Utilização de equipamento de proteção individual pela equipe de enfermagem em um hospital público em Imperatriz-MA” e “Um estudo sobre a importancia do enfermeiro na orientação da utilização dos equipamentos de proteção individual – EPIs”

O primeiro estudo esntitulado “*Utilização de equipamento de proteção individual pela equipe de enfermagem em um hospital público em Imperatriz-MA*” refere-se ao uso adequado de equipamentos de proteção individual (EPI'S), são importantes para a proteção da pele, das mucosas, olhos, ouvidos, precauções fundamentais para proteger o profissional de saúde a aquisição a microrganismo patogênico, sendo de extrema importância o uso dos EPIs. Uso adequado de proteção individual (EPIs) é uma excelente barreira de prevenção da contaminação por microrganismos, usar máscaras e óculos ou escutado facial quando houver riscos de contaminar com respingos de sangue, secreções, não usar o mesmo avental para cuidar de outro doente nem transitar com eles pelos corredores, utilizar máscaras, luvas, jalecos bem higienizados, os equipamentos de uso pessoal não devem ser compartilhados, cada enfermeiro deve ter uso exclusivo de suas roupas, investindo no uso de EP'IS diminui a chance de transmissão e facilita a higienização do dia a dia. Com isso, Silva et al (2019) reforçam que:

Os Equipamentos de Proteção Individual são de grande importância para todos os trabalhadores durante o seu período laboral, seu uso é regulamentado por legislação própria, sendo considerada responsabilidade do

empregador o fornecimento dos equipamentos e obrigação do empregado sua utilização durante o período de trabalho. A equipe de enfermagem presta cuidados a várias pessoas, podendo entrar em contato direto com portadores e transmissores de doenças infectocontagiosas, portanto, faz-se necessário o conhecimento dos profissionais de saúde quanto ao uso dos EPIs (SILVA et al., 2019).

Os equipamentos de proteção individual são materiais de extrema importância para os profissionais na prevenção de acidentes, proteção da pele, olhos, mucosas, a necessidade de maior conscientização na utilização dos EPIs tornando os menos suscetíveis aos riscos a própria saúde, proporcionando ainda a qualidade no atendimento e evitando possíveis contaminações entre profissional e pacientes.

O segundo estudo intitulado *“Um estudo sobre a importância do enfermeiro na orientação da utilização dos equipamentos de proteção individual – EPIs”* reforça a importância do uso do EPI para segurança do paciente e do próprio profissional. O uso de equipamentos de proteção individual é essencial para garantir a saúde e proteção dos trabalhadores e evitar consequências negativas em acidentes de trabalho. Além disso, os EPIs são utilizados para garantir que os profissionais não sejam expostos a doenças ocupacionais que possam prejudicar sua capacidade de trabalhar e viver durante a fase ativa do trabalho e após o trabalho. Costa et al (2021) diz que:

No que diz respeito ao uso adequado dos EPIs, sabe-se que a supervisão do enfermeiro e as ações de educação quanto ao uso e manuseio dos mesmos deve ser permanente e direcionada para todos que estão em um ambiente propício a contaminações, porém o destaque para o corpo de enfermagem deve ser ainda maior, pois a enfermagem é uma peça elementar neste “tabuleiro” complexo que é a prevenção de contaminantes em um ambiente hospitalar (COSTA et al, 2021).

Os riscos em ambientes hospitalares ou nos quais os profissionais de enfermagem atuam fazem parte do cotidiano desses profissionais. Para cuidar da saúde dos pacientes, não basta ter a formação certa para a área: a proteção é fundamental. Por isso, o cuidado com os equipamentos de proteção individual é obrigatório e muito importante para a condução das atividades.

No entanto, a escolha correta do equipamento é crucial. O uso ou fornecimento de EPI inadequados coloca os trabalhadores em risco imediato, o que é muito perigoso para sua integridade física.

Além disso, expõe o empregador a riscos legais, pois assim não cumprirá suas obrigações como empresário. Uma delas é fornecer equipamentos adequados para riscos quando necessário.

CATEGORIA 3: A IMPORTÂNCIA DO MANEJO DOS PROCEDIMENTOS INVASIVOS.

A terceira categoria foi construída a partir de um artigo estipulado: *“Infecções hospitalares relacionadas a procedimentos invasivos em unidades de terapia intensiva”* e *“Atuação do enfermeiro no controle de infecção hospitalar e segurança do paciente”*.

O estudo intitulado faz refletir sobre a importância do manejo dos procedimentos invasivos, o uso de procedimentos invasivos nas UTIs contribui na ocorrência das IHS por conta da existência de múltiplas topologias infecciosas, sendo de grande importância ter um manejo mais adequado para evitar a propagação desses microrganismos. Nas unidades de terapia intensivas, o paciente se submete a mais de um tipo de procedimento, aumentando o risco de adquirir uma infecção, por isso, o profissional deverá ficar atento, como no cateterismo urinário, realizando trocas para evitar propagação. Com isso Sousa et al (2017) afirmam que:

Acredita-se ser necessário mais estudos sobre o tema, para que este conhecimento possa contribuir no esclarecimento do acometimento de infecções em Unidades de Terapia Intensiva, destacando fatores de riscos associados às infecções, para que com isso possam ser elaboradas estratégias de prevenção de agravos relacionados as IRAS (SOUSA et al., 2017).

A necessidade de utilizar procedimentos invasivos é necessária para a manutenção da vida, esta atividade deverá ser realizada pelo profissional com extrema prudência, respeitando todas as técnicas de assepsia, prestando todos os devidos cuidados evitando a contaminação do paciente pelo dispositivo, principalmente pacientes com longa permanência, ventilação mecânica, cateterização urinária, intubação traqueal, buscando sempre pela excelência na assistência e diminuindo as ocorrências de IH.

CATEGORIA 4: CONTROLE DAS INFECÇÕES HOSPITALARES

A quarta categoria foi realizada com base em um artigo intitulado: *“Florence Nightingale e a suas contribuições no controle das infecções hospitalares.”* e *“A teoria ambientalista no ensino e na prática profissional em enfermagem : uma revisão integrativa.”*

Percebemos a importância de Florence no combate contra as IHS. Florence Nightingale além de ser a matriarca da enfermagem, ela foi uma grande contribuinte na batalha contra as infecções, com a criação da teoria Ambientalista. Nightingale se preocupava com ambiente querendo favorecer um local mais adequado para seus pacientes. A visão de Nightingale teve

como objetivo priorizar a provisão de um ambiente estimulante para o desenvolvimento da saúde do paciente.

Em 1860, Nightingale enfatizou a importância da higiene, limpeza e padrões de cuidados e sanitário, a fim de evitar as infecções hospitalares, porém mesmo com todos esses anos ainda encontram-se infecções em hospitais e outros serviços de saúde, no qual permeiam uma grande preocupação para os serviços de saúde (GILL, 2016).

A importância da teoria ambientalista, tem se evitado milhares de mortes por infecções hospitalares e contaminações devido à falta de um ambiente adequado e a falta de higiene básica, que nos leva às preocupações higiênicas “ar puro, água pura, drenagem eficiente, limpeza e luz”, cinco pontos que são essenciais na observação de um ambiente saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário refletir sobre todas as estratégias possíveis que possam contribuir para mudanças do atual panorama que se apresenta, os enfermeiros deve ter conhecimento sobre os microrganismos e meios para inibir sua propagação, contribuindo para o cuidado com o paciente, implantem diretrizes e ações contínuas para prevenir, controlar, reduzir e eliminar riscos, por meio de rotinas de trabalho adequado, vigilância constante, a higienização das mãos, continua sendo a atitude mais eficaz na interrupção da transmissão de microrganismos ao indivíduo.

Acreditamos ainda que não basta investimentos em altas tecnologias em saúde sem considerar a importância de se investir no potencial humano como um elemento fundamental no controle da IH, garantindo uma assistência segura e qualificada que minimize a permanência na internação, o sofrimento dos pacientes e de suas famílias, é importante que haja parceria entre o enfermeiro assistencial e o enfermeiro da CCIH e participe ativamente na prevenção e faça alertas sobre possíveis surtos e realize ações de revisão e treinamentos de rotinas de trabalho e na decisão sobre as medidas a serem tomadas no caso de aumento no número de casos ou de gravidade das infecções, ações de controle de infecções serão ineficazes, se ficarem apenas na detecção e registro dos casos é essencial que os dados sejam registrados, organizados em forma de gráficos evolutivos e divulgados para toda a equipe envolvida na assistência, facilitando na identificação de surtos ou período de piora da qualidade do cuidado, indicando a necessidade de aprofundar o treinamento em medidas de controle até mesmo nas rotinas técnicas de trabalho.

Diante dos resultados propostos espera-se que o estudo possa contribuir para o ensino de enfermagem sabemos que o ambiente hospitalar é considerado um local de trabalho insalubre, onde os profissionais e os

próprios pacientes estão expostos, a importância das ações que convergem fortalecer com medidas de prevenção e controle, visando evitar a ocorrência de IH, em todo e qualquer serviço de saúde a presença do enfermeiro se faz necessário pelo fato de reconhecerem as reais necessidades do hospital e dos pacientes, que muito se dedicam ao cuidado e estão próximos aos enfermos constatemente.

REFERÊNCIAS

BORGES, G.L.; BARATIERI, T.; MONASTIER, C. A.; BENDO, J.; SILVA, M. S.; PAGLIARINI, W. M. A.; INFECÇÃO HOSPITALAR NA PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO; Maringá-PR- Brasil; disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4836/483648962022.pdf>;

BRASIL. Portaria nº2616 de 13 de maio de 1998. Diário oficial da república federativa do Brasil, 15 de maio de 1998.

CARDOSO, R. S.; SILVA, M. A. A percepção dos enfermeiros acerca da comissão de infecção hospitalar: desafios e perspectivas. Texto contexto – enferm, Florianópolis, v.13, no.spe, p.50-7, 2004.

CONFORTO, E. C.; AMARAL, D. C.; SILVA, S. L. Roteiro Para Revisão Bibliográfica Sistemática: Aplicação no Desenvolvimento de Produtos e Gerenciamento de Projetos. Trabalho apresentado, n. 8, 2011

COUTO, PEDROSA e NOGUEIRA, Infecção Hospitalar e outras complicações não infecciosas da doença. Editora MEDSI; cap. 1-2 pag.3-28. 2004;

DUTRA, G.G.; COSTA, M.P.; BOSENBECKER, E.O.; LIMA, L.M.; SIQUEIRA, H.C.H.; CECAGNO, D. Nosocomial infection control: role of the nurse. J. res.: fundam. Care. Online 2015, jan/marc. 7(1): 2159-2168.

FELIX, A. M. S. Fatores individuais, laborais e organizacionais à adesão às precauções- padrão de profissionais de enfermagem em uma instituição privada. Journal of Infection Control, Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 2, p. 106- 111, abr. 2013

GIL, A. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Ed. Atlas S.A, 2008.

OLIVEIRA, Rosangela de; MARUYAMA, Sônia Ayako Tao. Controle de infecção hospitalar: histórico e papel do estado. Revista Eletrônica de Enfermagem, [S.L.], v. 10, n. 3, p. 1-18, 30 set. 2008. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v10.46642>:

SILVEIRA-ALVES, Aline; SEPP, Valquíria Jorge; LOUREIRO, Lucrecia Helena; SILVA, Ilda Cecilia Moreira da. A TEORIA AMBIENTALISTA NO ENSINO E NA PRÁTICA PROFISSIONAL EM ENFERMAGEM: uma revisão integrativa. Revista Práxis, [S.L.], v. 13, n. 25, p. 1-2, 24 jun. 2021. Fundacao Oswaldo Aranha - FOA. <http://dx.doi.org/10.47385/praxis.v13.n25.2982>.

PADOVEZE, M. C., FORTALEZA, C. M. B. Health-care-associated infections: challenges to public health in Brazil. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 48, n. 6, p. 995-1001, out. 2014. Doi: 10.1590/s0034- 8910.2014048004825.

WHO, World Health Organization, Prevenção e controle de infecção; <https://www.who.int/teams/integrated-health-services/infection-prevention-control>, 2017; Acesso em: 09 de novembro de 2021

COSTA, Christiane Santana; VALADÃO, Cinthya Silva; ALVES, Larissa Luz. UM ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ENFERMEIRO NA ORIENTAÇÃO DA UTILIZAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL – EPIS. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S.L.], v. 7, n. 10, p. 1222-1240, 31 out. 2021. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. <http://dx.doi.org/10.51891/rease.v7i10.2658>.